

## **Violência escolar e gênero: reflexões a partir do romance *Confissões de uma Garota Excluída, Mal-Amada e (um Pouco) Dramática***

### **School violence and gender: reflections based on the novel “Confissões de uma Garota Excluída, Mal-Amada e (um Pouco) Dramática” [Confessions of an Excluded, Unloved, and (somewhat) Dramatic Girl]**

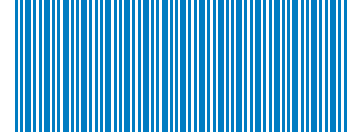
*Thamires Andrade Reiss*, Doutoranda e Mestra em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar Sorocaba), e pesquisadora do Flores Raras – Grupo de Pesquisa Educação, Comunicação e Feminismos.

Contato: [thami\\_reiss@hotmail.com](mailto:thami_reiss@hotmail.com)

#### **Resumo**

O artigo tece reflexões sobre *bullying* sob a perspectiva de gênero, a partir da trajetória da personagem Tetê, do livro *Confissões de uma Garota Excluída, Mal-Amada e (um Pouco) Dramática*, de Thalita Rebouças. A obra retrata o sofrimento da protagonista por não se enquadrar nos padrões de beleza impostos às mulheres, abordando como o *bullying* reflete preconceitos como machismo e racismo. O texto critica a ausência de apoio escolar e familiar e questiona a mensagem da autora, que individualiza a superação da violência, em vez de propor um enfrentamento coletivo. Defende-se a importância de reflexão crítica e ação intencional e dirigida dos atores escolares e familiares no enfrentamento das diferentes formas de violência entre estudantes.

Palavras-chave: Violência escolar. Bullying. Gênero.



## Abstract

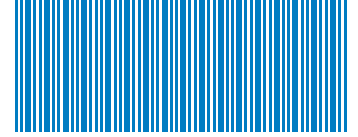
This article reflects on bullying from a gender perspective, based on the story of the character Tetê, from the book “Confissões de uma Garota Excluída, Mal-Amada e (um Pouco) Dramática” [Confessions of an Excluded, Unloved, and (somewhat) Dramatic Girl], by Thalita Rebouças. The book portrays the protagonist’s suffering for not fitting into the beauty standards imposed on women, addressing how bullying reflects prejudices such as sexism and racism. The article criticizes the lack of school and family support and questions the author’s message, which individualizes overcoming violence, instead of proposing a collective confrontation. The article defends the importance of critical reflection and intentional and directed action by school and family actors in confronting the different forms of violence among students.

Keywords: School violence. Bullying. Gender.

## Introdução

O presente ensaio objetiva tecer reflexões sobre o *bullying* em diálogo com a perspectiva de gênero, a partir da trajetória da personagem Tetê, protagonista do romance *Confissões de uma Garota Excluída, Mal-Amada e (um Pouco) Dramática*, da autora brasileira Thalita Rebouças (Rebouças, 2016). A referida obra literária foi objeto da dissertação de mestrado da autora deste artigo (Reiss, 2023), pesquisa na qual foram analisadas as representações de quatro personagens femininas do livro. Há, no entanto, forte presença de sofrimento da protagonista diante do *bullying*, tema que foi discutido de maneira secundária na dissertação, e que será aqui retomado. As reflexões apresentadas foram realizadas durante participação na disciplina “Formas de Violência Escolar: *Bullying* e Preconceito”, ministrada pelo professor José Leon Crochík, em 2023.

O diálogo com a temática do gênero se mostra necessário dado que, como será detalhado adiante, a violência sofrida por Tetê por parte dos colegas de escola tem origem no fato de a jovem ser “feia”, ou seja, não se enquadrar nos padrões de beleza e comportamento impostos socialmente às mulheres. A partir

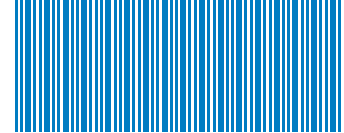


da trajetória da personagem no livro, é possível refletir sobre a violência, especificamente preconceito e *bullying*, como tentativas de dominação da aparência, escolhas e modos de vida das mulheres. A experiência de Tetê, ilustrativa das experiências das mulheres em geral, alerta para a importância de que nomeemos e coloquemos luz sobre as violências agrupadas pelo termo *bullying*, como machismo, misoginia, racismo e gordofobia.

E por que a escolha desse livro como objeto de estudo? Thalita Rebouças é uma autora de grande sucesso no Brasil, mas não apenas, pois tem algumas de suas obras publicadas em países da América Latina e Europa, alcançando um total de mais de 2 milhões de livros vendidos. Esses livros não são indicados por escolas nem fazem parte de programas de incentivo; são escolhas espontâneas das pessoas leitoras. Além do alcance de público por meio dos livros, Thalita atua em programas de televisão, tem obras adaptadas para teatro e cinema e tem suas próprias linhas de produtos, como materiais escolares e jogos. Milhares de jovens leitoras lotam eventos e lançamentos em que ela está presente. Dado o sucesso comercial do livro escolhido como objeto de pesquisa, dele derivaram outras três obras, que apresentam “as confissões” de personagens antes secundários, e um filme. O alcance de seu trabalho – e das ideias que com ele difunde – é, portanto, bastante expressivo. Como veremos, é importante que façamos reflexões e problematizações ante a maneira como a autora aborda o enfrentamento e a superação do *bullying* na obra, e a mensagem que transmite.

### **Tetê, garota “excluída e mal-amada”**

O livro *Confissões de uma Garota Excluída, Mal-Amada e (um Pouco) Dramática*, lançado em 2016, é um romance dirigido ao público adolescente, que conta um período da vida de Tetê em seu primeiro ano no Ensino Médio, após uma mudança de escola resultante da perda de emprego de seu pai. No antigo colégio, ao longo do Ensino Fundamental, a jovem sofreu uma série de violências e exclusões por parte dos colegas. No início do livro, Tetê é levada pela mãe, Helena Mara, para uma consulta com um psiquiatra e terapeuta, para quem ela relata as violências sofridas nos anos anteriores. Ao longo do livro acompanhamos a chegada da personagem ao novo colégio, onde também enfrenta violência, especialmente por parte da personagem antagonista, Valentina. Os acontecimentos narrados no livro, com foco na mudança da



aparência de Tetê, desembocam em um final feliz no qual a garota já não é mais “feia”, e conseqüentemente deixa de ser excluída e já não sofre mais violências na escola. Veremos a seguir alguns detalhes dessa trajetória.

No colégio em que estive ao longo dos anos do Ensino Fundamental, Tetê passou por uma série de violências. Um de seus colegas, Gustavo, se aproximou dela e mantiveram por algum tempo uma relação de amizade. Ele elogiava sua inteligência e dizia que a achava bonita, o que a deixava muito feliz. A convivência com Tetê fez com que Gustavo, que antes tinha notas ruins, passasse a ter boas notas, e a garota ficava cada vez mais feliz por ter um amigo, até que se percebeu apaixonada. A relação a fazia se sentir aceita:

Gustavo Sampaio era meu porto seguro, meu amigo, meu amor. Não ligava para minhas espinhas, meus quilos a mais, meus milhões de defeitos, meu cabelo volumoso e sem corte, minha falta de vaidade, minha pele mais branca que papel. Ele me respeitava, gostava de mim como eu era (Rebouças, 2016, p. 22).

Vale registrar que as características utilizadas pela autora para a personagem Tetê foram observadas em pesquisa citada por Crochík (2016) como sendo as mais frequentes nas vítimas de agressão nas escolas: pessoas gordas, tidas como fracas, que tiram boas notas, impopulares e que se saem mal nos esportes.

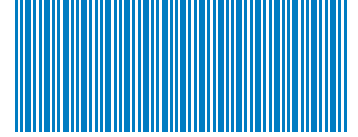
Gustavo dizia a Tetê que os demais colegas de sala não gostavam dela por inveja de ela ser inteligente e tirar boas notas, e por essa razão ela cogitou começar a tirar notas ruins de propósito, tamanho seu desejo de ser aceita pelo grupo. Gustavo a incentivou a continuar sendo a boa aluna que sempre foi. Tetê passou a acreditar que ele também tinha sentimentos por ela, e tentou beijá-lo. A partir disso, o garoto assumiu para Tetê que tinha se aproximado dela por interesse, pois precisava melhorar as notas para ganhar uma viagem à Disney, e passou a falar mal dela para os colegas. A traição fez com que, além de ser ignorada pelos colegas, Tetê passasse a sofrer violências com mais frequência, fazendo com que considerasse suicídio:

A verdade é que nunca entendi por que eu era excluída no antigo colégio. As pessoas simplesmente não gostavam de mim ou apenas fingiam que eu era invisível. Antes da Tetê do Cecê eu tive outros apelidos ao longo da minha vida escolar: Melancia, Quatro-olhos, Tanajura, Cabeção, Piaçava (Rebouças, 2016, p. 33).



Tetê narra as consequências das violências que sofreu: “Foi bem difícil suportar as ‘brincadeiras’. Engordei oito quilos (...) Fiquei mais calada do que já era, minhas notas caíram e eu só queria ficar na cama, comendo e chorando. Foi devastador” (Rebouças, 2016, p. 24). Os apelidos que os colegas atribuem a Tetê revelam preconceitos e padrões cruéis com as mulheres, que precisam se manter cheirosas, magras e adequadas aos padrões de beleza. A inadequação aos padrões de gênero e de sexualidade são alvos constantes da violência do *bullying*: “Meninos e meninas aprendem, também, desde muito cedo, piadas e gozações, apelidos e gestos para dirigirem àqueles e àquelas que não se ajustam aos padrões de gênero e de sexualidade admitidos da cultura em que vivem” (Louro, 2022, p. 35).

Vale ainda enfatizar que o apelido “piaçava”, historicamente utilizado para depreciar cabelos de pessoas negras, afeta principalmente a autoestima das mulheres que não têm o cabelo tido como bonito, que é o liso (Geledés, 2016). A experiência da personagem é ilustrativa de reflexões trazidas por Gomes (2002), acerca do aprendizado de valores que ocorre no ambiente escolar, para além de conteúdo e saberes escolares, havendo compartilhamento de hábitos e preconceitos relacionados a raça, gênero, classe social e idade. A autora enfatiza a importância de darmos atenção às dimensões simbólicas dentro desse ambiente, visto que a experiência de pessoas negras é permeada por estereótipos e representações negativas relacionadas sobretudo a seus corpos e cabelos, excluídos há séculos das representações de beleza: “A comparação dos sinais do corpo negro (como o nariz, a boca, a cor da pele e o tipo de cabelo) com os do branco europeu e colonizador (...) serviu de argumento para a formulação de um padrão de beleza e de fealdade que nos persegue até os dias atuais” (Gomes, 2002, p. 42). Os apelidos recebidos pelas pessoas negras “expressam que o tipo de cabelo do negro é visto como símbolo de inferioridade, sempre associado à artificialidade (esponja de bombril) ou com elementos da natureza (ninho de passarinhos, teia de aranha enegrecida pela fuligem)” (Gomes, 2002, p. 45). A expressão racista, utilizada para ofender Tetê, uma garota branca, é representativa das primeiras experiências públicas de rejeição a que são submetidas as pessoas negras, deixando marcas negativas em suas histórias de vida. É uma expressão do racismo que não deve ser encarada pelos profissionais da educação apenas como algo banal ou como brincadeira, pois deixa marcas subjetivas nas vítimas e, no caso das violências relacionadas aos cabelos, sobretudo em meninas e mulheres.



Já no novo colégio, Tetê se aproxima de dois colegas que também são excluídos na sala de aula: Davi, um jovem muito sério e estudioso, e Zeca, assumidamente gay. Tetê é inteligente, ótima aluna, gosta muito de estudar e é tida como feia. Os três adolescentes, portanto, estão fora dos padrões estabelecidos pelo grupo e são colocados no lugar de outro, de diferente, sendo “zoados” e excluídos. Aqui podemos fazer um paralelo à ideia de ticket (Sanford, Adorno, Frenkel-Brunswick e Levinson, 2019), visto que os adolescentes relatados na obra – representativos da realidade – aderem de maneira irrefletida e passiva a ideias de “normalidade” e passam a direcionar a raiva para o que é tomado como diferente. Essa norma exige características como heterossexualidade e displicência, para os homens, e beleza dentro dos padrões, para as mulheres. Podemos pensar, neste caso, em uma forte relação entre a mentalidade do ticket e o patriarcado, sendo este último um sistema social que favorece os homens, sobretudo homens brancos, cisgênero e heterossexuais, que relega lugares subalternizados, por exemplo, às pessoas representadas pelos personagens Tetê, Zeca e Davi.

Vale ressaltar que é Tetê, mulher e feia, o alvo principal da raiva e agressões que derivam dessa mentalidade de ticket patriarcal. Toda a aparência física de Tetê vai sendo criticada, seja por familiares, seja por colegas da escola, e a narrativa do livro vai nos contando as etapas cumpridas por ela na busca de se adequar aos padrões de beleza: depilação no rosto e corpo, corte e tintura nos cabelos, esmalte nas unhas, dieta e emagrecimento, tratamento dermatológico para espinhas, compra de uma nova armação de óculos e compra de novas roupas. Mas antes desse processo de adaptação a personagem questiona: “O que eu tenho que causa tanto ódio? Tanto asco? E desprezo? Por que as pessoas ou me odeiam, ou têm nojo de mim, ou me ignoram?” (Rebouças, 2016, p. 90). Infelizmente o livro não avança nessa reflexão sobre o porquê de as mulheres que se não se enquadram nos padrões de beleza serem alvo de ódio e desprezo, o que seria uma importante contribuição da autora para o desenvolvimento do pensamento crítico das pessoas que a leem, bem como uma maneira de combater o tipo de violência sofrida pela protagonista.

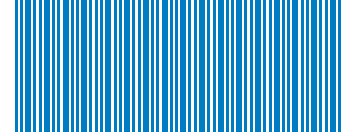
Podemos, no entanto, elaborar aqui algumas reflexões sobre essas importantes perguntas trazidas por Tetê. Por que uma mulher que não busca se adequar aos padrões de beleza desperta ódio e desprezo? Um primeiro ponto é a adesão sem reflexão a esses padrões de beleza – e que, vale ressaltar, a obra de Rebouças ajuda a reforçar, em vez de problematizar, dado que a personagem



tem uma extensa trajetória até se aproximar dele. Podemos afirmar, em diálogo com ideias de Horkheimer e Adorno (1985), que faz parte da adesão ao ticket patriarcal reagir com irritação e repugnância às mulheres que não buscam se ajustar aos padrões. As violências vêm como forma de punição, como tentativa de colocar limites às pessoas que ocupam esse lugar de outro.

Judith Butler (2019) nos mostra que as formas ideais dos gêneros são reificadas e naturalizadas, e podem ser entendidas como construções, ou seja, performances que são apoiadas em sanções e tabus. Nesse sentido, ser mulher é fazer o corpo se encaixar numa ideia construída historicamente sobre o que é ser uma mulher, de maneira a induzir o corpo a se tornar um signo cultural, colocando-se obediente a uma forma delimitada e que precisa ser sustentada o tempo todo. Gênero, nesse sentido, é um projeto de sobrevivência cultural. E é de maneira coercitiva que acontece a performatividade do gênero, por meio de possibilidade e ameaças mais ou menos diretas de punição. Nas palavras da autora (Butler, 2019, p. 217), “as possibilidades históricas materializadas por diferentes estilos corporais são nada mais que ficções culturais, reguladas por punições, alternadamente incorporadas e disfarçadas por coerção”. “Performar seu gênero de maneira errada implica um conjunto de punições, tanto óbvias quanto indiretas” (Butler, 2019, p. 225). Para a autora, essa punição vem prontamente para as pessoas que, como Tetê, falham em “performar a ilusão do essencialismo de gênero” (Butler, 2019, p. 226).

Podemos observar também nas reações violentas contra a feiura das mulheres, como representado pelos adolescentes na história de Tetê, uma propensão à chamada agressão autoritária (Sanford, Adorno, Frenkel-Brunswick e Levinson, 2019), tendência a vigiar e condenar, rejeitar e punir as pessoas que violam o que é considerado convencional, os tidos como fracos e *outsiders*, como Tetê, Zeca e Davi. Segundo os autores, trata-se de um traço sádico da personalidade autoritária, representada na obra em questão, principalmente, pela personagem Valentina. A colega de sala de Tetê na nova escola a hostiliza desde o primeiro momento, enfatizando traços de aparência, como o peso, e atitudes. Questionada por Tetê sobre o motivo de não gostar dela, Valentina explica, evidenciando a irritação e repugnância sentidas diante da colega:



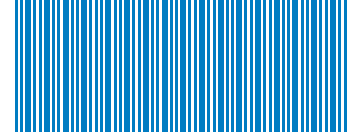
Você não entendeu ainda? Então eu vou fazer a caridade de te explicar. São vários motivos. O primeiro: você dá em cima do meu namorado descaradamente desde o primeiro dia de aula. O segundo: você fede. Terceiro: você é feia. Quarto: você é sem graça. Quinto: você me dá nojo. Sexto: seus dentes me irritam (Rebouças, 2016, p. 110).

### Tetê questiona a postura de Valentina:

Por que tanto preconceito com quem está acima do peso, Valentina? Por que magoar alguém pelo simples fato de esse alguém não tem um corpo esquelético como os que estampam as revistas de moda? Cada um tem um biotipo. (...) Você fez questão de frisar sempre o meu peso, o seu desprezo por gente gorda. Isso é preconceito, é fobia, sei lá! Você tem que parar com isso! (Rebouças, 2016, p. 248).

Valentina então responde que tem medo de engordar, e admite que sabe que, se ficar gorda, sofrerá *bullying* também, então ataca para se defender. A leitura da personagem Tetê sobre o preconceito de Valentina está de acordo com a leitura de Crochík (2016), que nos mostra que o sujeito preconceituoso evita se identificar com seu alvo, reagindo com negação; como vimos, Valentina encontra em Tetê algo que não pode admitir em si mesma: a possibilidade – e o medo – de engordar. Já o *bullying*, que pode ser derivado do preconceito, se caracteriza pelas ações de intimidação, demonstrações de poder e superioridade, necessidade de dominação e desejo de destruição; sendo assim, podemos afirmar que o que é descrito na obra como *bullying* inclui também manifestações de preconceito, segundo a conceituação do autor.

É interessante observar a reação de Valentina, que poderia ser de solidariedade, aproximação e cumplicidade, mas que é de violência, como se ela não estivesse vulnerável também a se tornar uma vítima do mesmo ticket patriarcal a qualquer momento. Para Louro (2022, p. 38) evidencia-se a necessidade de autoafirmação nesses ataques: “Curiosamente, no entanto, as instituições e os indivíduos precisam desse ‘outro’. Precisam da identidade ‘subjugada’ para se afirmar e para se definir, pois sua afirmação se dá na medida em que a contrariam e a rejeitam”. Valentina se afirma como a garota padrão enquanto ataca Tetê; o medo que a move não é o medo de engordar, algo que não é um problema por si só, mas o *bullying* que ela sabe que acompanha os corpos não magros.

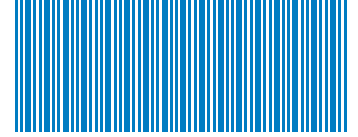


Valentina é uma personagem que também sofre com as ações machistas dos colegas: por chamar atenção pela beleza, sobretudo dos meninos, ela é chamada de “piranha”. Sua beleza adequada aos padrões não a coloca, portanto, em posição de poder ou sequer de proteção. E por não ter poder, sabe que o prazer possível é o de saber que tampouco Tetê tenha mais do que ela. Tetê, que está em posição de maior fraqueza, se torna uma ameaça insuportável (Horkheimer e Adorno, 1985). Os preconceitos sofridos por Tetê e Valentina estão associados a movimentos coletivos, mais especificamente à ideologia machista, que coloca mulheres em posição de grupo minorizado, de outro, enquanto o sujeito por excelência segue sendo o homem, branco, cristão, heterossexual e sem deficiência:

Os negros, os judeus, as mulheres, as pessoas com deficiência foram, e, em parte, continuam a ser, minorias perseguidas porque lembram ao ‘civilizado’ sua fragilidade que não deve ser recordada. É o que foge às classificações habituais, não inteiramente delimitado e compreendido, que se torna alvo; sobretudo aqueles que trazem marcas da natureza não dominada (Crochík, 2016, p. 34).

Outras características de Tetê, como ser gorda e usar óculos, às quais o preconceito se direciona, têm discriminação associada a “padrões culturais genéricos” (Crochík, 2016, p. 36), que, podemos acrescentar, são também machistas.

Podemos pensar ainda, com Horkheimer e Adorno (1985), que os colegas que violentam Tetê, mesmo que não reflitam sobre isso, de alguma forma têm um saber sobre a possibilidade de serem eles os próximos alvos do *bullying*; então elegem essa vítima sobre a qual irão projetar seus próprios medos e defeitos e atacar – afinal, quem consegue estar totalmente adequado aos padrões de beleza, que o tempo todo se atualizam, exatamente para provocar a busca, e nunca uma suposta completude? Projetam a própria infelicidade diante da impossibilidade de adequação aos padrões, sem refletir sobre estarem todos na mesma posição de “inadequação”, visto que a adequação total é impossível. Esses personagens que não toleram ver uma colega feia feliz não refletem sobre si mesmos, e nesse ponto a educação pode agir.

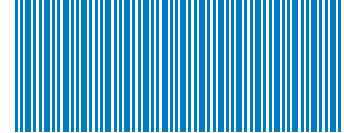


### Tetê, garota “dramática” e o *bullying*

No contexto de discussão da obra literária em questão, é fundamental a problematização da falta de assistência dos adultos da família e da escola diante da violência que a garota sofria, bem como a devastação emocional que tal violência provocava. Na narrativa não há nenhuma referência sobre qualquer intervenção de profissional da escola ou de familiar diante do sofrimento da jovem no sentido de ajudá-la, mesmo que ela estivesse apresentando alterações de comportamento e de rendimento escolar. Tetê conta que cogitou “trocar de escola uma época, mas cheguei à conclusão de que não adiantaria nada. Adolescentes cruéis são cruéis em qualquer lugar” (Rebouças, 2016, p. 33). Podemos pensar aqui, com Arendt (2016), que a omissão dos adultos contribui para a formação de uma tirania da maioria, tirania do próprio grupo de crianças e adolescentes, de maneira a não acessarem seu direito de serem plenamente educadas, sendo excluídas do mundo dos adultos. Alunas e alunos, pessoas em estado de vir a ser, sem o olhar e a intervenção cuidadosa por parte dos adultos educadores, têm parte de seu desenvolvimento negado, pois sem uma ação educativa diante de violências ficam entregues às possibilidades que a destrutividade coloca.

A utilização, pela autora, do termo “dramática” para se referir à protagonista é bastante questionável, visto que invalida o sofrimento de Tetê e das pessoas que sofrem de diversas formas de violência em ambientes escolares. A personagem Tetê vai sendo agredida continuamente e de maneiras diversas, tendo destruído seu potencial de resistência e sua identidade, restando a ela apenas a opção de se resignar e se adaptar à pressão do padrão, o que é esperado das mulheres.

A ênfase dada por Rebouças à estratégia de a vítima encarar sozinha as agressões, lidando com elas de maneira diferente, em vez de incentivar a busca por discussões e soluções no coletivo, não contribui para o enfrentamento ao problema. Um exemplo é a descrição que Tetê faz quando vê Zeca entrando na sala de aula pela primeira vez: “Andando de cabeça erguida, como para mostrar que a chacota e a agressividade gratuita não o incomodavam, foi até a primeira fila da sala (...) sem se importar com os idiotas que cantavam ‘Olha a cabeleira do Zezeca, será que ele é, será que ele é?’” (Rebouças, 2016, p. 48). A busca por uma solução para a questão da violência escolar, sempre citada no livro apenas com uso do termo *bullying*, é atribuída a cada sujeito individualmente, sem que haja indicativo de que os adultos, seja no ambiente



familiar ou escolar, possam interferir, propondo ações educativas para o respeito à diversidade. Não há no enredo do livro nenhuma interferência da família de Tetê ou da equipe escolar no sentido de escutar as vítimas, promover a reflexão e o diálogo ou qualquer tipo de mediação de conflito ou reparação.

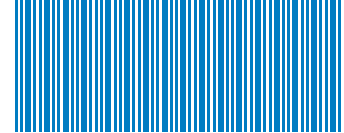
Ao longo do livro, a ideia de que o combate ao *bullying* depende da maneira como a vítima encara o problema é reforçada: “Zeca (...) sem saber me deu um grande ensinamento: é possível, sim, lidar com as zoações sem se sentir (tão) na lama. É só não levar a sério” (Rebouças, 2016, p. 57). É como se o sofrimento de Tetê fosse simplesmente uma questão de ver a vida de outra maneira. A mesma ideia está presente em seu relato para o psicólogo Romildo, nas reflexões da personagem no final do livro:

Eu mudei totalmente depois disso tudo, sabe? E agora acho que sei lidar de uma maneira totalmente diferente com minha família, com as pessoas ao me redor, com meus amigos. Como eu amo ter amigos! Também estou entendendo melhor meus sentimentos, principalmente o amor. A gente costuma pôr a culpa das coisas nos outros e em geral espera que os outros mudem, que o mundo mude, mas a verdade é que eu descobri que nada muda. Mas se a gente der um passo, um passinho que seja em direção a fazer algo diferente pela gente mesma e modificar quem a gente é, plim! A mágica acontece e tudo muda ao nosso redor! Até as pessoas mudam! Na verdade, eu acho que o que muda é nosso jeito de ver tudo (Rebouças, 2016, p. 262).

Tetê chega à conclusão de que a transformação pela qual passou foi uma saída de sua zona de conforto e um processo de se aceitar como é:

Sabe, Romildão, cheguei à conclusão de que todos precisam de um Zeca na vida. Não para mudar simplesmente. Mas para a gente se aceitar e se gostar como a gente é. O que ele mostrou para nós dois é que não dói e não custa tentar sair da nossa zona de conforto. Se ficar ruim, a gente volta para ela. Mudar só um pouquinho por fora pode mexer um muito por dentro (Rebouças, 2016, p. 265).

O discurso sobre o *bullying* apresentado por Thalita Rebouças a seu público leitor, composto principalmente de meninas adolescentes, é bastante problemático. Em vez de trazer a necessidade de uma mobilização coletiva para combater a violência, se dirige no sentido de convencer as leitoras de que basta que a vítima mude seu ponto de vista sobre a questão e a maneira de reagir e que aguarde um tempo para que a violência se

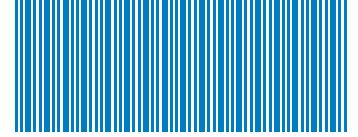


encerre. É como se cada adolescente vítima de *bullying* fosse uma “pequena empresa psicológica” (Horkheimer e Adorno, 1985), que deve gerir a si mesmo e resolver de maneira solitária – e rápida – suas questões, e então seguir em frente, sem deixar de ser produtivo.

Com as reflexões de Lygia Viégas (2020), podemos afirmar que o livro em questão camufla o caráter histórico-cultural do machismo e do racismo ao nomeá-los apenas como *bullying*, de maneira a não contribuir para seu enfrentamento nos âmbitos educativos e pedagógicos. Pelo contrário, a narrativa se equipara a um discurso que incentiva a resiliência das vítimas, para que aprendam a suportar a violência sem se abalar. Tetê sofre violências que derivam de uma lógica medicalizante que, como apontado por Viégas (2020), naturaliza a vida humana, de maneira reducionista e determinista, anunciando o que é naturalmente valorizado ou desejável. Essa lógica se apresenta de diversas formas e em vários espaços, como escolas, banheiros e mídias, prescrevendo padrões de comportamento, desenvolvimento, gênero e estética, invisibilizando a complexidade da existência e desconsiderando desigualdades. Os princípios que sustentam a medicalização são, ao mesmo tempo, universalizantes e individualizantes, pois criam e legitimam padrões enquanto também fortalecem a crença de que cada sujeito deve se esforçar para se ajustar. Os que não se ajustam são estigmatizados, silenciados e patologizados.

A personagem encerra o livro contando que ela mesma está escrevendo um livro, e dizendo que acredita que sua história pode ajudar outras pessoas, “Porque no fundo todo mundo se sente um pouco excluído e mal-amado, todo mundo tem seu drama. Seus dramas. A gente não está na pele do outro pra sentir” (Rebouças, 2016, p. 267). E repete abordagem criticada neste artigo: “Com meu livro eu posso mostrar que quando a gente não se entrega e não se abate com o *bullying*, dá pra viver tranquilamente, e só entender que é apenas uma fase. Que passa. Pode até demorar, mas passa. Tudo passa” (Rebouças, 2016, p. 267). De fato, a história de sofrimento de Tetê – que é a de muitas adolescentes – poderia ser uma ferramenta de ajuda, porém não é, visto que não traz o caráter de reflexão coletiva necessário ao enfrentamento da violência escolar.

Podemos afirmar, a partir da leitura de Adorno (1995), que a escola relatada no livro de Rebouças, bem como a própria obra literária em si, se furta de percorrer o caminho necessário ao combate à violência: a promoção da reflexão por meio de

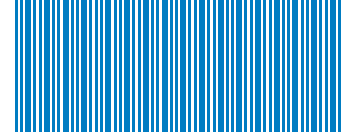


discussões, de maneira a “evitar que as pessoas golpeiem para os lados sem refletir a respeito de si próprias” (Adorno, 1995, p. 2). É necessário que se discutam medos e suas reações, em vez de simplesmente reprimi-lo, bem como “se impõe a promoção de uma educação que não premia a dor e a capacidade de suportá-la” (Adorno, 1995, p. 5). E junto a essa reflexão proposta pelo autor, se quisermos combater o sofrimento causado pela violência escolar nas meninas, faz-se necessária a inclusão de pautas relativas ao gênero e conscientização sobre como *bullying*, misoginia e machismo estão intimamente ligados.

Uma obra literária, localizada no tempo e no espaço, como o livro de Rebouças, não representa a totalidade de uma realidade. Dessa forma, a escola retratada no livro – e a crítica a ela – não pretende ser representante do cenário das escolas brasileiras em sua complexidade, diversidade e mutabilidade. No entanto, o olhar acadêmico para os produtos culturais, que são representativos de algumas realidades (e também contribuem para a produção de realidades), mostra-se importante e com potencial para trazer reflexões que nos ajudem a agir na direção da educação que almejamos. Crochík *et al* (2014, p. 123) observam que “a esfera da cultura possui um importante potencial para favorecer a ocorrência do *bullying*”; sendo assim, podemos pensar que pode favorecer também o combate a essa prática de violência.

Sendo o *bullying* um problema comum nas escolas brasileiras e que precisa ser enfrentado não apenas no âmbito individual, mas também institucional, a história contada por Rebouças e o relato do sofrimento de Tetê nos sensibiliza para a necessidade de mediação a esse tipo de violência e nos ajuda a ver a necessidade de reflexão e ações nas escolas para que esse enfrentamento seja efetivo. Felizmente, diversas iniciativas, políticas e programas presentes nas escolas brasileiras já fazem isso, incluindo ações formativas para professores, acolhimento e reflexões com grupos de alunas e alunos, ações com familiares e mediações por parte dos grupos gestores nas escolas. Essas ações contribuem com a possibilidade de mudanças sociais e combate a violências como o *bullying* (Crochík *et al*, 2014).

Se existe no ambiente escolar uma dupla hierarquia (Crochík, 2016, p. 39), estando a não oficial “caracterizada pelos alunos quanto à sua força, destreza, habilidades corporais”, existindo paralelamente à oficial, do desempenho real ou percebido, ambas devem ser alvo de trabalho das escolas. Se a missão da educação escolar é transmitir cultura e conhecimentos



acumulados historicamente, mas também fornecer condições para a transformação do mundo, a violência, seja em forma de preconceito ou *bullying*, deve ser enfrentada por todos os profissionais atuantes nesses espaços. “Contra o *bullying* deve-se fortalecer a possibilidade de estabelecer relações afetivas com as pessoas e com a cultura e a identificação com o mais frágil; contra o preconceito é necessária a reflexão do que nega em si mesmo ao perseguir sua vítima” (Crochík, 2016, p. 54). Autoras e autores de literatura dirigidas ao público adolescente, bem como demais profissionais produtores de artes, literatura, cinema, séries etc., na medida em que ajudem a promover as relações e reflexões citadas, também podem vir a ser aliados no combate à violência que se apresenta nos contextos escolares, e que muitas vezes camufla sob o termo *bullying* diversas violências sofridas por muitas meninas, podendo deixar marcas de sofrimento, solidão e auto-ódio que as acompanham por toda a vida.

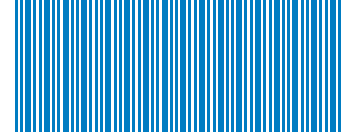
## REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. Educação[CD3.1] após Auschwitz. In: ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995, pp. 119-138.

ARENDRT, Hannah. Crise na educação. In: ARENDRT, Hannah. **Entre o passado e o presente**. São Paulo: Perspectiva, 2016, pp. 221-247.

BUTLER, Judith. Atos performáticos e a formação dos gêneros: um ensaio sobre a fenomenologia e a teoria feminista. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque (Org.). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, pp. 212-230.

CROCHÍK[CD4.1], José Leon. Formas de violência escolar: preconceito e bullying. **Movimento-revista de educação**, Rio de Janeiro, n. 3, pp. 29-56, 29 jan. 2016. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistamovimento/article/view/32559>. Acesso em: 15 jun. 2025.



CROCHÍK, José Leon; SILVA, Pedro Fernando; FRELLER, Cintia Copit; ALVES, Lucas Stefano de Lima; CARRENHO, Aline Costa Carrenho; DELENOGARE, Gianluca Vergian. Análise de concepções e propostas de gestores escolares sobre o bullying. **Acta Scientiarum**. Maringá, v. 36, n. 1, pp. 115-127, jan./jun. 2014. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciEduc/article/view/21940>. Acesso em 23 jan. 2026

GELEDÉS – Instituto da Mulher Negra. **18 expressões racistas que você usa sem saber**. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/18-expressoes-racistas-que-voce-usa-sem-saber/>. Acesso em: 15 jun. 2025.[CD5.1]

GOMES, Nilma Lino. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou resignificação cultural? **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 21, pp. 40-51, set./dez. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/D7N3t6rSxDjmrXrHf5nTC7r/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 jun. 2025.

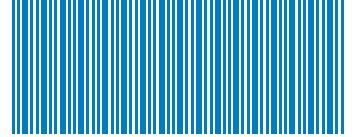
HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor W. Elementos do Antisemitismo: Limites do esclarecimento. In.: HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor W. **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985, pp. 157-194.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica: 2022, pp. 7-42.

REBOUÇAS, Thalita. **Confissões de uma garota excluída, mal-amada e (um pouco) dramática**. São Paulo: Arqueiro, 2016.

REISS, Thamires Andrade. **Cinderelas modernas: o que os best-sellers juvenis ensinam sobre[CD6.1] ser mulher?** 2023. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, Sorocaba, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/20.500.14289/18454>. Acesso em: 23 jan 2026.

SANFORD, N[CD7.1]evitt; ADORNO, Theodor W., FRENKEL-BRUNSWICK, Else; LEVINSON[CD8.1], Daniel J.A mensuração de tendências implicitamente antidemocráticas. In: ADORNO, Theodor W. **Estudos sobre a personalidade autoritária**. São Paulo: Editora UNESP, 2019, pp. 123-232.



VIÉGAS, Lygia de Sousa. Psicologia Escolar e Educacional no Brasil: a importância da autocrítica. In: OLTRAMARI, Leandro Castro; FEITOSA, Ligia Rocha Cavalcante; GESSER, Marivete. (Orgs.) **Psicologia Escolar e Educacional: Processos educacionais e debates contemporâneos**. Florianópolis: Edições do Bosque UFSC/CFH, 2020, pp. 14-32. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/217611/Psicologia%20Escolar%20%20Educacional%20PDFa.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 15 jun. 2025.

Recebido em: 15/06/2025

Aceito em: 27/01/2026

